



EXTREMA DIREITA EM XEQUE

MAIS COMPAIXÃO, MENOS POPULISMO MERKEL SE FORTALECE COM GESTÃO DA PANDEMIA E REFUGIADOS INTEGRADOS



BRUNO ABBUD
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br
BERLIM

Trinta anos depois de Helmut Kohl assinar a reunificação da Alemanha, a chanceler Angela Merkel, que tem uma foto do antecessor pendurada na parede do gabinete, testemunha um novo tipo de união: a de eleitores que rejeitam o populismo da extrema direita e se inclinam para o centro, onde, no espectro político, está o seu partido, a União Demócrata Cristã (CDU).

A menos de dois meses de completar 15 anos à frente da maior economia da Europa, Merkel passou o último terço dos quatro mandatos enfrentando críticas por ter recebido mais de um milhão de refugiados em 2015, a maioria do Oriente Médio e da África. Mas, segundo pesquisadores, o que parecia um pesadelo se transformou em benefício político.

Graças à integração de uma multidão de imigrantes ao mercado de trabalho alemão e à gestão da pandemia da Covid-19, Merkel, que parecia ofuscada pela oposição acirrada da ultradireita, agora surge com potencial de, no ano que vem, eleger um sucessor de seu partido.

Em 2015, a frase da chanceler em referência aos refugiados — “Wir schaffen das” (Nós vamos cuidar disso) — deu munição aos críticos. Disseram que a afirmação incentivaria milhares de imigrantes a ocupar o país, a violência aumentaria e atentados terroristas ocorreriam em cada esquina. Não foi bem assim.

Criado em 2013, o partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha (AfD) angariou eleitores com um discurso anti-imigração e, dois anos depois, elegeu a terceira maior bancada no Parlamento. A popularidade de Merkel despencou.

MENOS MEDO, MAIS ESTADO

Nos últimos cinco anos, a população de refugiados aumentou 157%, de 700 mil para 1,8 milhão, segundo dados oficiais —mas ao contrário do que pregava a oposição, 55% dos que chegaram em 2015 e permaneceram por cinco anos na Alemanha estão empregados e pagam impostos.

—Merkel estava certa — disse ao GLOBO o professor Herbert Brücker, diretor do Instituto para Pesquisa Empírica de Integração e Migração de Berlim (BIM). —A Alemanha foi capaz de usar o ambiente econômico favorável para integrar os refugiados mais rapidamente no mercado de trabalho do que em episódios anteriores, como o fim da Iugoslávia nos anos 1990.

Com a integração em boa marcha, o tema anti-imigração esfriou nos discursos de políticos da extrema direita. Para o cientista político Wolfgang Merkel, diretor do Centro de Ciências Sociais de Berlim (WZB), contribuiu para isso a redução no fluxo de refugiados que chegam ao país: de 1 milhão por ano em 2015 e 2016, passou para 200 mil nos anos seguintes.

—Isso reduziu o medo entre as camadas de baixa renda e ajudou a reduzir as atitudes populistas de direita na sociedade alemã. Duzentos mil refugiados e imigrantes por ano já não são mais considerados uma ameaça — disse Merkel, que não tem parentesco com a chanceler, ao GLOBO.

Um dos pontos de virada na popularidade de Angela Merkel também foi o trabalho bem-sucedido na pandemia, o que incluiu testes maciços e rastreamento de casos, além do apoio à criação de um fundo europeu para combater o impacto econômico do vírus na economia, uma virada em relação à posição de Berlim na

crise financeira de 2008.

—O Estado alemão provou ser forte e eficaz. Os populistas de direita precisam ter um Estado fraco que possam denunciar como uma espécie de Estado falido — diz ele. —No auge do lockdown, cerca de 90% das pessoas aplaudiram as medidas do governo. Gostaram da estratégia clara e antecipada para proteger vidas e diminuir as taxas de infecção. Na Alemanha, quanto mais duras as medidas foram, mais popular o político se tornou.

Os louros que a chanceler colhe foram constatados em um estudo divulgado em setembro, feito em parceria do WZB e da Fundação Bertelsmann, e que tem Wolfgang Merkel entre os autores. A pesquisa indicou eleitores mais resistentes ao populismo, definido como “uma ideia particular de democracia definida pela distinção entre o ‘povo verdadeiro’ e as ‘elites corruptas’, a noção de uma vontade comum do povo e a ideia de que a sociedade é homogênea”. A partir da definição, a pesquisa determinou três comportamentos para medir atitudes populistas: “antiestablishment, pró-soberania popular e antipluralismo”.

“Quanto mais os eleitores concordam com afirmações e posições correspondentes às três dimensões do populismo, mais populistas eles são”, diz o estudo, que entrevistou, em junho, 10.055 eleitores com oito frases — como “Eu preferiria ser representado por um cidadão a sê-lo por um político” ou “Questões importantes não deveriam ser decididas pelo Parlamento, mas por referendos populares”. Os entrevistados responderam se concordam ou não com cada frase.

O número de eleitores alemães que mostraram atitudes populistas diminuiu 36% en-

tre novembro de 2018 e junho deste ano, caindo de 32,8% para 20,9% dos entrevistados. Os eleitores considerados não populistas aumentaram em 50% no mesmo período.

Também os partidos se tornaram menos populistas, concluiu a pesquisa. A CDU e o Partido Democrático Liberal (FDP) desistiram da estratégia de imitar a AfD para angariar os votos da ultradireita. Depois de se alinhar à AfD nas eleições no estado da Turíngia, o FDP viu sua rejeição aumentar em um terço.

—Muitas vezes os partidos aderem àquilo que lhes dá mais vantagem. Quando essa adesão não se harmoniza com a direção política, me faz duvidar da credibilidade deles — diz Thorsten Goerick, carpinteiro de 51 anos de Berlim, eleitor dos Verdes.

Entre os partidos de centro-direita e centro-esquerda — a CDU e o Partido Social-Democrata (SPD), integrantes da coalizão que governa o país, o FDP e os Verdes — o número de eleitores populistas encolheu de 34% para 23%.

ASCENSÃO ADIADA

Prova da recuperação da CDU, as eleições locais na Renânia do Norte-Vestfália, o estado mais populoso da Alemanha, em 13 de setembro, resultaram em 34,6% dos votos para o partido de Angela Merkel e apenas 5% para a AfD. Segundo o instituto de pesquisas Infratest Dimap, as intenções de voto na AfD caíram de 18% em setembro de 2018 para 10% neste mês, enquanto a CDU passou de 28% para 36%.

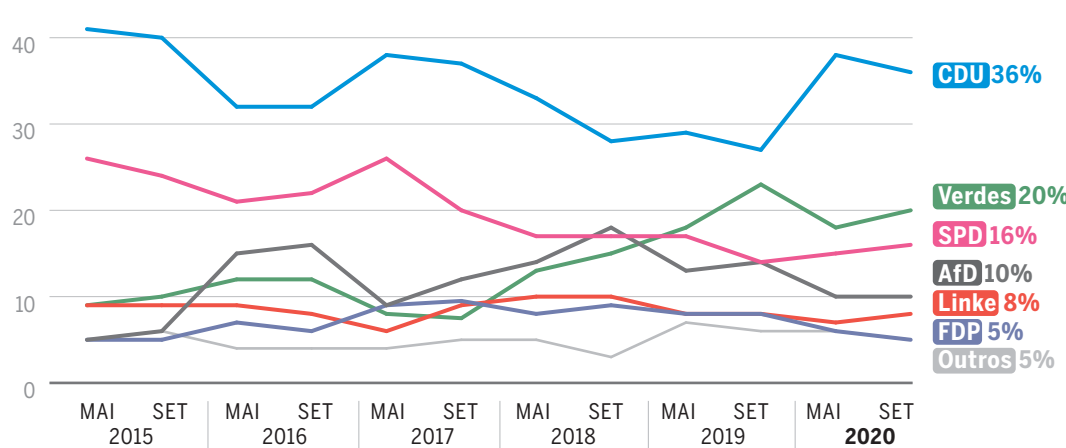
—O desempenho da AfD no Parlamento nacional e nos parlamentos estaduais é visto como bastante pobre pela maioria absoluta dos eleitores — afirma Wolfgang Merkel.

O cientista político diz que, apesar da má fase, o partido de extrema direita vem se radicalizando, o que gera conflitos internos. “A ascensão do populismo de direita foi adiada por enquanto. Há muitos indícios de que a tendência está se revertendo. No entanto, ainda é muito cedo para tirar uma conclusão final. A onda pode ter se dissipado, mas não diminuiu totalmente. Em outros países, está deixando democracias prejudicadas permanentemente pelo autoritarismo, e a tentação populista continua uma presença latente na Alemanha também”, afirma o estudo.

Datas. A pouco mais de um mês de completar 15 anos no cargo, em novembro, e no mês em que a reunificação alemã completa 30 anos, neste sábado, Merkel busca despedida por cima

AFD GANHOU FORÇA A PARTIR DE 2015, MAS ESTAGNOU

A evolução do apoio aos partidos alemães (em %)



Fonte: Instituto de Pesquisas Infratest Dimap

Editoria de Arte

EXTREMA DIREITA EM XEQUE

DO HORROR À ROTINA

MOHAMMED E HIBA EXEMPLIFICAM TRAJETÓRIA DE SÍRIOS DA ONDA DE 2015



Acolhimento. “Diversidade é o nosso futuro”, diz frase em muro em um parque em Neuruppin, Leste da Alemanha, onde a AfD é forte, mas que se ofereceu para receber mais refugiados vindos da Grécia



BRUNO ABBUD
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br
BERLIM

Passava da meia-noite quando Mohammed — ele preferiu não revelar o sobrenome — se convenceu de que iria morrer aos 23 anos. O barco de alumínio balançava no Mar Egeu. Tinha saído de Izmir, na Turquia, para a ilha de Samos, na Grécia. Era o início de 2015, e a Europa assistia a uma das maiores ondas de imigração da História. Natural de Daraa, cidade na Síria onde começou a revolta contra o regime de Bashar al-Assad, Mohammed foi preso e torturado. Ele testemunhou a prisão aleatória de amigos e parentes pelos militares. Viu as casas dos tios e de vizinhos serem bombardeadas. Perdeu pessoas queridas, primos e um tio, e teve de interromper os estudos numa universidade no Líbano.

— Eram dois enterros por dia. Acordávamos e pensávamos: quem vai morrer hoje? — diz ele no apartamento de um contêiner em Berlim.

Ele, o pai e o irmão foram detidos em um dia em que houve uma manifestação contra Assad em frente a sua casa. Quando foram soltos, a família decidiu se mudar para a Jordânia. Lá, o único emprego que Mohammed arrumou, ilegal, foi numa loja de venda de roupas no atacado, que lhe pagava US\$ 4 por uma jornada diária de 14 horas. Após ter sido flagrado pela fiscalização e preso por dois dias, decidiu atravessar o Egeu rumo à Europa.

Voou para a Turquia e deu todo o dinheiro que tinha, US\$ 1.300, para um “coiote” que coordenava a travessia ilegal para a Grécia. A viagem noturna, que deveria durar duas horas, durou sete. O motor do



“Sinto que não tenho controle sobre minha própria vida, porque meu futuro depende de decisões do governo. Mas, de maneira geral, me sinto grata à Alemanha”

Hiba Khashabh, que hoje cursa um mestrado em Berlim

“A integração dos refugiados aumenta o crescimento e eleva os níveis de renda no país”

Herbert Brücke, diretor de instituto que estuda a imigração

barco quebrou. O mar estava mexido. O piloto, de 14 anos, não sabia o que fazer e a embarcação com 38 pessoas foi se afastando cada vez mais da sua rota. Ficou à deriva.

Na manhã seguinte, no entanto, a Guarda Costeira da Grécia respondeu às chamadas por um rádio e todos foram resgatados. A partir de então, por 40 dias, Mohammed percorreu a pé e de ônibus cerca de oito países na Europa até parar em Berlim, onde lhe foi concedido status de refugiado. Depois de um ano, começou a estudar alemão. Ele alcançou o nível C1 no idioma, acima do exigido para ingressar em uma universidade no país.

ATOR E PROFESSOR

Cinco anos depois, Mohammed ganha a vida como ator e professor de esportes para crianças. Ele prefere não revelar seu sobrenome porque teme ser estereotipado ao longo da carreira de ator. Com o que ganha, paga a faculdade de teatro. Sobre seus colegas sírios que também fugiram da guerra para a Alemanha, ele diz:



Há cinco anos. Refugiado sírio carrega filhos ao desembarcar de bote na ilha grega de Lesbos, depois de atravessar o Mar Egeu

— Encontrei meu caminho. O resto de nós trabalha.

De acordo com um estudo do Instituto de Política de Migração, metade dos refugiados empregados na Alemanha está em funções qualificadas ou acadêmicas, e outra metade em vagas de assistência e estágio. Os principais ramos empregadores são transporte e logística, hotelaria e saúde.

— A integração dos refugiados aumenta o crescimento econômico e eleva os níveis de renda na Alemanha. Além disso, não foram encontrados efeitos negativos em regiões afetadas pelo aumento desproporcional de refugiados, porque elas se beneficiaram de gastos governamentais adicionais — disse Herbert Brücke, coautor do estudo.

Segundo o Ministério da Economia alemão, uma em cada quatro empresas do país empregou refugiados nos últimos três anos. Com a pandemia, no entanto, a taxa de refugiados empregados, hoje em 55%, deve cair para 45% até o fim de 2020, alerta Brücke.

Para o pesquisador, o suces-

Pandemia reorganiza política

> Ação dos governos dos principais países da Europa durante a crise de Covid-19, com o aumento de gastos públicos e o fortalecimento dos serviços de saúde, pôs em xeque a plataforma das forças da extrema direita no continente.

> O chamado nacional-populismo havia se fortalecido depois da crise financeira de 2008 com um discurso soberanista, contra a imigração e contra a União Europeia (UE), e ganhou um impulso extra com a chegada de milhares de refugiados do Oriente Médio e da África a partir de 2015.

> Essa corrente política mantém um peso considerável na Europa, e continua no poder em nações do Leste Europeu. Mas seu enfraquecimento recente é notado em países de democracia

consolidada como a Alemanha e a Itália, onde o agressivo Matteo Salvini, líder da Liga e ex-vice-primeiro-ministro, perde espaço para dirigentes direitistas que tentam se mostrar mais palatáveis ao eleitorado. O cenário ainda sofrerá a influência de eventos que se desenrolarão no futuro próximo, como a efetividade ou não do pacote de reconstrução econômica pós-Covid-19 aprovado em julho pela UE e resultado das eleições nos EUA.

> Esta série de reportagens, iniciada hoje, pretende mostrar o impacto político da pandemia nos países que são as maiores economias da UE, além de abordar a situação atual de Polônia e Hungria, onde os defensores da dita “democracia liberal” estão firmes no governo, mas também sofrem contestação.

so da integração de refugiados dependeu, em parte, de reformas legais que tornaram mais rápidas as concessões de asilo e de investimentos em cursos de alemão para refugiados:

— O fluxo de refugiados envolve custos, porque a maioria dessa população ainda depende de benefícios sociais, algo em torno de € 70 por refugiado por ano. Mas os custos podem ser bancados por um país como a Alemanha e tendem a diminuir com a integração no mercado de trabalho.

A rotina de um refugiado, porém, é mais do que o emprego, explica o professor Wolfgang Merkel, diretor do Centro de Ciências Sociais de Berlim (WZB):

— A integração no mercado de trabalho é razoável, mas não há uma integração adequada na sociedade alemã.

É o caso da síria Hiba Aboia Khashabh, de 32 anos, que se deparou com dificuldades ao começar a vida na Alemanha.

— Às vezes as pessoas olham para mim como se eu fosse roubar algo delas. Também sinto que não tenho controle sobre minha própria vida, porque meu futuro depende de decisões do governo. Mas, de maneira geral, me sinto grata à Alemanha — diz ela, em referência aos trâmites de visto e estadia no país.

AS LEIS DO ACOLHIMENTO

Durante a guerra civil na Síria, Hiba deixou Latakia, no Norte do país, para trabalhar numa organização de ajuda humanitária em Gaziantep, na Turquia. Alauita, o mesmo grupo religioso de Bashar al-Assad, mesmo sendo opositora do regime passou a ser vista como inimiga do novo emprego. A maioria dos funcionários era de sírios sunitas, e alguns deles haviam percebido o sotaque de Hiba, que denunciava sua origem em território de apoiadores do presidente.

— Meu chefe me disse que eu deveria ir embora dali, porque tinha gente do Estado Islâmico me observando — conta.

Em 2016, Hiba atravessou da Turquia para a ilha de Lesbos, na Grécia, em um bote com 60 pessoas. Não teve medo porque crescera perto do mar. Em Berlim há quatro anos, ela conseguiu uma bolsa para cursar um mestrado em políticas públicas em uma universidade particular.

Como ela e Mohammed, 87% dos refugiados na Alemanha fugiram da guerra e de perseguições.

— As leis internacionais, europeias e alemãs garantem às pessoas perseguidas politicamente o direito à proteção humanitária. No mundo de hoje, em que os populistas ao redor do mundo estão despertando temores sobre a imigração, isso deve ser constantemente lembrado — diz Philipp Jäschke, pesquisador do Instituto de Pesquisa de Emprego (IAB), em Nuremberg. — Os críticos da política humanitária de refugiados subestimam o potencial social, cultural e econômico que uma integração bem-sucedida também oferece aos países anfitriões.